

O Globo

10/11/1985

Trabalho

Na luta entre, Cut e Conclat, vitória de Joaquinção

SÃO PAULO — Quarenta dias de negociações, acusações de um lado e outro, dois dias de greve reunindo sete categorias profissionais e no final de tudo só faltou um banquete entre empresários e metalúrgicos, com o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto como anfitrião. Na verdade, seria até possível dizer que tudo acabou em festa.

A história dessa greve unificada de dois dias tem como referência o mês de março, quando o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinção, deixa o cargo para se ocupar com a sua candidatura a uma vaga na próxima Assembleia Nacional Constituinte. O seu substituto natural é o Vice-Presidente da entidade, Luís Antônio Medeiros. A inconsistência, agravada após a greve, da complexidade das alianças partidárias que se uniram para eleger Joaquinção, no entanto, faz com que Medeiros tenha que pensar cuidadosamente nos passos necessários para chegar fortalecido à presidência do Sindicato. Caso contrário, conforme afirmam os dirigentes sindicais que compõem a direção da entidade, a sede da Rua do Carmo se tornaria "um Líbano em pleno centro de São Paulo".

— Não se faz mais nada dentro desse Sindicato sem a perspectiva da sucessão de Joaquinção desabafou recentemente um dos diretores da entidade, reclamando da marcação dessa greve em cima de uma contraproposta considerada por ele como "muito boa".

Um dos líderes da Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) e principal articulador para sua transformação numa central abadia de fato, o Presidente do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo, Antônio Rogério Magri, afirmou abertamente que se o sindicato não faz a greve, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) a faria. Portanto, essa paralisação tinha que sair de qualquer jeito.

— Se ela não saísse encampada pelo sindicato, a CUT iria puxar o movimento desorganizado e enfrentaria uma transição tranquila do Joaquinção — afirmou.

A CUT, que cobiça há várias sucessões este sindicato que é o maior da América Latina, tinha preparado um estudo desde o início do ano com um gráfico mostrado que o movimento sindical estava em uma linha ascendente. Com a análise desse gráfico, onde o ponto alto era a greve nacional dos bancários, os articuladores políticos da CUT concluíram que o movimento era de fato real e possível. De posse das informações sobre a situação política dentro da diretoria de Joaquinção, os sindicalistas da CUT decidiram que as chamadas condições objetivas para a realização de uma greve existiam. Na análise da CUT se os diretores da entidade não assumissem a greve, "ficariam com a brocha na mão".

Dentro da entidade, as diversas correntes políticas trabalhavam em torno da idéia da greve. Joaquinção queria a greve para sair fortalecido em março como o candidato dos trabalhadores na Assembleia Nacional Constituinte. A CUT queria a greve para se introduzir nas bases da entidade. Os sete diretores do PDT, para as afirmarem como a corrente com maior força mobilizadora dentro do conjunto de vinte e quatro diretores. Além disso, queriam provar que eram os sindicalistas com condições de "peitar o pessoal da CUT" nas portas de fábrica, conforme disse o diretor João Carias Gonçalves, o Juruna.

Em plena campanha salarial, no mês de outubro último, a CUT começou a articular com as categorias que estavam discutindo a renovação dos seus contratos coletivos de trabalho a

campanha unificada. Joaquinção — que tem "alergia" à CUT — assumiu formalmente a campanha através de declarações discretas, e fugiu insistentemente às reuniões conjuntas. O PDT, o PCB, o PC do B, o MR-8 e dois peemedebistas (o Vice, Luís Antônio Medeiros, e a diretora Nair Goulart) chegaram a articular a queda de Joaquim, alegando fuga à sua missão.

Joaquinção voltou atrás, o grupo se acalmou, mas a mágoa ficou. Desde então, ele (que sabe como ninguém quanto é difícil sustentar uma greve de vários dias em sua base, composta por mais de 11 mil empresas) passou a ser o mais radical defensor da greve. Na reunião de diretoria decisiva para a greve, dia 31 de outubro, apenas o PCB e Luís Antônio Medeiros — mesmo assim vacilante — ficaram contra a greve.

Já se comentava que essa greve era puxada pela CUT, com o objetivo de ajudar a candidatura de Eduardo Matarazzo Suplicy, do PT, à Prefeitura de São Paulo. A própria Comissão de Fábrica da Ford, principal reduto da CUT na base do sindicato, porém, fez uma insulsa e concluiu que Suplicy só tira votos de Jânio Quadros. A diretoria do sindicato, por sua vez, avaliou que a polarização da campanha para a Prefeitura de São Paulo seria uma arma a mais, criando um fato político de grande repercussão. Portanto, a meta da campanha unificada não era tirar votos desse ou daquele candidato. A disputa era pelo maior sindicato da América Latina.

— Dirigente sindical não faz cabecinha de ninguém. Se trabalhador quer votar em Jânio Quadros, que se dane. Ele vai aprender na luta o que é mais importante — disse Juruna.

Durante a greve, já com o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, realizando várias gestões para pacificar os ânimos (só que apenas quatro dias antes da sua deflagração), os diretores que estavam contra a greve "sumiram", como o Secretário-Geral Jaime José da Cunha, ligado ao PDT por razões circunstanciais. E nas bases mais combativas, houve falta de carros de som. A greve não tinha fôlego para mais dias. Os sindicalistas da CUT, da Conclat e os independentes precisaram trabalhar com uma unidade nunca vista nas bases. Foi "um parto da montanha", disseram alguns diretores sindicais.

Essas dificuldades se explicam. Acontece que uma semana antes da greve, o Ministro Pazzianotto reuniu-se com Joaquinção e o empresário Roberto Della Manna, Coordenador do Grupo 14, ficando estabelecida a contraproposta que foi aprovada pela assembléia para pôr fim à greve. O encontro foi no apartamento de um dos assessores do Ministro e a estratégia para fortalecer Joaquim e derrubar o PDT e a CUT foi montada a três mãos: Pazzianotto, Joaquim e Deita Manna. A greve foi curta. As empresas não tiveram prejuízos, porque na realidade apenas 10 por cento da categoria (cerca de 30 mil trabalhadores) ficou parada, ao contrário dos 80 por cento divulgados pelo sindicato. A Fiesp fez a sua parte, lançando declarações agressivas pelos jornais.

Na volta da Fiesp, Joaquinção e Medeiros, formalmente de posse da nova palavra, discutiram no carro que os trazia para a assembléia. Joaquinção queria continuar a greve. Segundo a análise de alguns sindicalistas, Joaquinção queria desgastar o PDT e a CUT. O PDT porque foi o articulador de golpe malsucedido da sua queda, e o segundo por razões óbvias.

No entanto, a assembléia aprovou a contraproposta, que não trouxe nada de significativo, e tudo acabou em abraços, com a diretoria e a própria CUT aliviadas pelo fim do movimento unificado num momento em que o saldo era vitorioso a nível de conquistas salariais e políticas.

A CUT conseguiu lançar a primeira experiência de uma luta unitária, não corporativa, e localizar "lideranças que podem ser politizadas e conscientizadas nas bases paulistas", como afirmou o Presidente da entidade Jair Meneguelli.

AS GREVES, MÊS A MÊS

JANEIRO — Bóias-frias desempregados, Começou em Guariba, São Paulo, e reuniu 100 mil pessoas. Durou quatro dias. (CUT)

FEVEREIRO — Sapateiros das indústrias de Franca, São Paulo. Durou uma semana, com 20 mil participantes. (CUT)

MARÇO — Greve nacional de 70 mil carteiros. Duração: 10 dias. (CUT)

ABRIL — Pararam 200 mil metalúrgicos do interior e no ABC. Durou 54 dias. (CUT)

MAIO — Bóias-frias em Sertãozinho, São Paulo. Quatro dias de duração. (CUT)

SETEMBRO — Paralisação nacional dos bancários. Aproximadamente 700 mil empregados. Durou dois dias, (CUT e Conclat)

NOVEMBRO — Greve unificada de sete categorias, em São Paulo. Durou dois dias, com 480 mil grevistas. (CUT e Conclat)

(Página 36)